

# Adaptação psicossocial da criança ao pré-escolar (\*)

RAQUEL VIEIRA DA SILVA (\*\*)

MANUELA VERÍSSIMO (\*\*\*)

ANTÓNIO J. SANTOS (\*\*\*)

## INTRODUÇÃO

É cada vez mais sustentada, por inúmeros estudos, a necessidade premente de uma detecção e intervenção rápida, em crianças que frequentam o pré-escolar e demonstram dificuldades de adaptação social. Farrington (1998) refere que aproximadamente metade das crianças identificadas como possuindo um comportamento antisocial se tornam adolescentes antisociais e que cerca de metade destes (25%, portanto) continuam igual percurso na vida adulta. Parker e Asher (1987) referem que as dificuldades de relacionamento manifestadas em crianças no seu grupo de pares, permitem prever posteriores inaptações. O meio escolar é, assim, um palco privilegiado para a observação de comportamentos disfuncionais. É na transição para o jardim de infância que a cri-

ança começa a moldar as competências e habilidades sociais, inserindo-se ou não em grupos de pares, desenvolvendo toda uma gama de comportamentos que a levarão a níveis de desenvolvimento superiores. É nesse espaço feito de comunicações interpessoais que se vivenciam as primeiras transições, os primeiros conflitos e os primeiros confrontos com uma realidade não tão protegida quanto a familiar. O educador surge, assim, não só no importante papel de interventor, como assume, de facto, a personagem principal de observador privilegiado.

De acordo com a perspectiva etológica, a observação participante num contexto diário oferece a informação pertinente para avaliar e modelar a adaptação psicossocial. Este tipo de avaliações permite situar o desenvolvimento da criança nas expectativas culturais geradas através das crenças e condutas partilhadas sobre a adaptação psicossocial, sendo sensíveis ao meio e à cultura da própria comunidade (Bonnet, 1999).

Ladd e Burgess (1999) confirmam a posição dos educadores enquanto fontes fiéis de informação ao demonstrarem que crianças caracterizadas pela agressividade e isolamento indiciam grandes dificuldades no relacionamento com os seus pares, manifestando-se mais isoladas, insatisfeitas, carentes e com elevada probabilidade de desenvolverem uma relação educador/criança desa-

---

(\*) Agradecimentos: Os autores agradecem a todas as mães, crianças e educadoras que aceitaram participar neste estudo, o qual faz parte de um projecto de investigação financiado pela FCT (POCTI/1999/PSI/36429) com fundos do FEDER.

(\*\*) Psicóloga.

(\*\*\*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. UIPCDE, ISPA.

daptada. É crucial a rápida detecção destas crianças pelo próprio educador, já que demonstram pouca capacidade de percepção e insuficientes competências, o que se traduz em deficiências no sucesso escolar. Na mesma linha metodológica, Bonnet e Strayer (1998) concluíram, no seu estudo, que todas as crianças com elevados comportamentos de isolamento e agressão em relação aos pares, foram identificadas pelos educadores como estando em risco.

O modelo transaccional aborda o desenvolvimento humano sob a perspectiva da aparição de factores – que podem potencializar factores de risco ou diminuir factores de protecção –, e a probabilidade de aparecimento de problemas comportamentais (Fortin & Bigras, 1996). A análise decorrente deste modelo implica que, para se compreender as situações de risco e os processos de resiliência, é fundamental o estudo dos múltiplos factores de stress, bem como, das várias combinações de factores decorrentes do desenvolvimento de problemas de comportamento. A resiliência é a capacidade que certos indivíduos têm em se adaptar socialmente e com sucesso, apesar de inúmeros constrangimentos, e é um importante conceito a ter em conta quando se analisa o poder preditivo de qualquer técnica de identificação de factores de risco, já que, com variáveis semelhantes, certas crianças desenvolverão problemas e outras não (Rutter, 1999; Cairns & Cairns, 1994).

Compreende-se, através destas definições, o campo vasto e multifuncional que enfrentamos ao abordar o domínio dos problemas de adaptação social. Os processos, influências, cruzamentos e desempenhos possíveis que podem exercer alguma modificação na trajectória do indivíduo são múltiplos, o que dificulta a sua predição. Porém, é de realçar que não a impossibilita, já que existem limites e constrangimentos à própria adversidade e nem todos os resultados são igualmente prováveis (Sroufe, 1990). Através de alguns estudos, que assumem como base o modelo transaccional, identificaram-se três grupos centrais de factores de risco (Fortin & Bigras, 1996). O primeiro grupo inclui características intrínsecas que contribuem para uma resposta desadequada do sujeito ao meio: temperamento difícil; dificuldades de desenvolvimento; stress pré-natal. O segundo integra características de relações que ajudam o sujeito a ter uma percepção negativa e desagradável do meio: imago negativa da

mãe; práticas parentais rígidas; inserção social conturbada. O terceiro agrupa antecedentes familiares que flexibilizam comportamentos antisociais: alcoolismo e toxicod dependência dos pais/avós; depressão maternal; local de nascença dos pais. De acordo com este modelo, o risco aumenta de forma exponencial em função da natureza e do número de condições adversas, sendo que estas são modeladas pela presença de factores de protecção específicos. Factores, esses, que amortecem as adversidades e possibilitam, ao indivíduo, uma alternativa às trajectórias de risco.

É com base nestes factores de protecção que o investimento da psicologia de desenvolvimento, em planos de prevenção em situações de risco, faz mais sentido e é mais premente. Uma criança socialmente eficaz é aquela que adquire recursos que lhe permitem obter situações sociais seguras e gratificantes, tendo capacidade para negociar as interacções sociais (Rose-Krasnor, Rubin, Booth & Coplan, 1996). Segundo Renshaw e Asher (1982), as crianças que demonstram, paralelamente, poucas capacidades no relacionamento interpessoal e na resolução de problemas, e são identificadas pelos seus pares ou educadores como agressivas ou socialmente isoladas, não podem ser entendidas como socialmente competentes. Na maior parte das vezes são rejeitadas pelos seus pares (Rose-Krasnor et al., 1996). E é enquanto a plasticidade comportamental o permite, e antes que falhem as aprendizagens sociais indispensáveis a uma boa adaptação, que se deve actuar através de planos de intervenção precoces (Fortin & Bigras, 1996).

Gottlieb (1991) e Strayer (1997) encaram os problemas de adaptação social como a canalização do comportamento precoce numa trajectória adaptativa particular, que implica a perda de potencialidades essenciais para o desenvolvimento das competências das crianças. As exteriorizações mais habituais de crianças com problemas de adaptação social são a agressão e o isolamento.

A agressão é um comportamento adaptativo, que, se adoptado como modelo relacional predominante, pode constituir um comportamento desadaptativo e sintomático de perturbações sociais. Rubin, Stewart e Chen (1995) consideram a agressão como um reflexo comportamental de baixo controlo psicológico, enquanto Pulkinen (1993) alerta para o facto de ela ser longitudinalmente estável, o que na ausência de uma inter-

venção precoce e adequada pode afirmar-se como uma trajectória disfuncional. A agressão não se esgota na sua forma confrontativa, física ou verbal. Os actos indirectos indutores de querelas na relação e na reputação de pares, são também factores agressores (Coie & Kupersmidt, 1983; Dogde, 1983; Ladd & Price, 1987; Crick & Grotpeter, 1995; Cairns & Cairns, 1994). Crick (1996) identifica a primeira forma de agressão, que ele denomina como explícita, um apanágio do sexo masculino enquanto associa a agressão relacional ao género feminino. Esta discriminação mais detalhada da agressão, permitiu uma sua abordagem mais abrangente e exacta uma vez que, anteriormente, a agressão era atribuída maioritariamente ao sexo masculino.

Vários estudos demonstraram que durante a infância, comportamentos agressivos conduzem à rejeição pelos pares, sendo mesmo considerada por Coie et al. (1990) como uma das causas mais importantes para accionar a rejeição da criança, por parte dos seus pares. É, também, frequentemente associada a comportamentos posteriores de abandono escolar e delinquência na adolescência, gerando, posteriormente, resultados de desajuste e distúrbios na idade adulta bem como exteriorizações várias de comportamentos de desordem (Farrington, 1991; Rubin, Stewart, & Chen, 1995).

Além da agressão, nos vários estudos encetados sobre factores de risco, o isolamento social é também factor sempre presente.

Se atentarmos no isolamento como um constructo formado pela inibição comportamental, a timidez e o isolamento passivo (Ladd & Burgess, 1999), compreendemos como podem falhar, a estas crianças, as experiências básicas essenciais a um desenvolvimento adequado. Inúmeros estudos confirmam que crianças com sinais de isolamento e insatisfação social são mais rejeitadas pelo grupo de pares do que outras (Cassidy & Asher, 1992; Berlin, Cassidy & Belsky, 1995), ao mesmo tempo que apresentam uma baixa auto-competência (Rubin, Hymel & Mills, 1989). Deste modo, o isolamento social está frequentemente associado a problemas posteriores de natureza interna, nomeadamente uma baixa auto-estima, ansiedade e depressão, bem como fortemente associado à impopularidade e rejeição da criança (Rubin, Stewart & Chen, 1995).

Investigações recentes identificaram três tipos de manifestações de isolamento social em cri-

anças (Harrist et al., 1997): o tipo passivo-ansioso – que inclui as crianças que evitam brincar com os seus pares, receando o envolvimento social; O tipo não-social – caracterizado por crianças que preferem brincar com objectos ou sozinhas, aparentando terem pouca capacidade de motivação de aproximação social, embora possuam competências sociais que lhes possibilitam interacções sociais; por último, o tipo activo-isolado, isto é, crianças que não se envolvem nas interacções sociais porque os seus pares não o permitem, e que, embora desejem brincar com outras crianças, não encontram parceiros que as aceitem.

Apesar do isolamento social continuar em investigação, até agora todos os investigadores são unânimes em afirmar que as diferentes formas de isolamento têm um ponto em comum: a espaçada interacção com os outros (Ladd & Burgess, 1999). Testemunhos recentes corroboram a opinião de que o isolamento social é uma construção heterogénea, sugerindo que ele pode tomar diferentes formas, dependendo da idade da criança (Rubin, Stewart, & Coplan, 1995; Ladd & Profilet, 1996; Younger & Daniels, 1992).

Um longo caminho foi já percorrido, sendo vários os factores de risco estudados e múltiplas as suas manifestações. Porém existe, ainda, uma necessidade urgente em elaborar técnicas complementares que permitam, não só detectar precocemente o risco psicossocial como analisar, igualmente, os processos subjacentes aos problemas sociais. Cairns e Cairns (1994) consideram que um dos motivos para se estudar crianças entendidas como em risco, é um investimento reduzido, sendo maior a probabilidade de se obterem resultados mais imediatos, se se lançarem as bases para planos de prevenção. O instrumento, que aqui apresentamos, pretende enquadrar esta necessidade económica, com a urgência temporal e a perspectiva centrada na pessoa, e num quadro metodológico válido para a identificação precoce de crianças “em risco” no meio pré-escolar.

## MÉTODO

### *Participantes*

Este estudo foi realizado com 398 crianças,

inscricas na rede do pré-escolar da área metropolitana de Lisboa, durante o ano lectivo de 2000/2001. As suas idades estão compreendidas entre os 24 e os 60 meses, sendo que a sua média de idades é de 3 anos e 4 meses. As raparigas representam 52% do total da amostra enquanto que os rapazes assumem os restantes 48%.

As educadoras apresentam uma média de idades compreendida entre os 39 e os 58 anos ( $X=42,04$ ;  $\delta=3,05$ ). O tempo de serviço varia entre os 13 e os 31 anos apresentando uma média de 18,84 anos ( $\delta=4,23$ ).

### *Instrumentos*

O questionário de Adaptação Psicossocial da Criança foi desenvolvido no Quebeque pelos membros do Laboratoire d'Ethologie Humaine (1990) assumindo, como base, as opiniões sócio-educativas de educadoras que foram recolhidas em reuniões preparatórias. Este questionário integra 17 itens, apresentados sob a forma de enunciados comportamentais relativos à adaptação psicossocial da criança no plano escolar (linguagem, motricidade fina, etc.), psicológico (humor, empatia, etc.), comportamental (agressividade, motricidade geral) e social (popularidade, sociabilidade). A resposta é definida numa escala tipo Likert de cinco pontos, em que, 1 representa muito típico e 5 muito atípico. Muitos estudos permitiram demonstrar a validade deste questionário de avaliação de adaptação psicossocial da criança em idade pré-escolar, assim como a fiabilidade no caso de uma avaliação multi-educadores/observadores (Bonnet, 1998).

### *Procedimento*

O questionário foi primeiro traduzido para Português e todos os itens discutidos numa equipa formada por quatro elementos: três portugueses e um francês. O objectivo essencial era assegurar que os itens correspondessem exactamente ao pretendido e definido na sua versão original. Quando feitas as devidas revisões, no questionário Português, de novo se traduziu na língua original e foi apresentado mais uma vez à equipa, que o considerou apto a ser aplicado. Os dados foram recolhidos entre os meses de Maio de 2000 e Março de 2001, em vários Jardins de Infância da Rede Pública do Ministério da Educação em

Lisboa. Após o consentimento dos responsáveis, cada educador encarregue do grupo foi contactado para um encontro de esclarecimento. Esta reunião teve como duração máxima quarenta minutos, e quinze minutos como média. O questionário era apresentado e todas as questões e dúvidas respondidas de acordo com um protocolo previamente determinado de forma a padronizar as explicações. Os questionários foram entregues, para preenchimento, e recolhidos ao final de duas semanas.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Cada criança obteve um determinado resultado para cada item do questionário. Esse valor constituiu a base para a análise de reagrupamento hierárquico, o que permitiu obter reagrupamentos em dimensões coerentes e evitou que as variáveis colineares representassem um peso duplo na avaliação final das crianças. O resultado da análise apresenta as escalas que mais se aproximam entre si, reduzindo os itens iniciais em dimensões mais globais e mantendo a capacidade de poder descrever e contrastar os estilos de adaptação das crianças em idade pré-escolar. Deste modo, emergiram quatro dimensões e três itens que se mantiveram isolados. O primeiro cluster englobou quatro itens (humor, liderança, popularidade e sentido de humor), correspondentes à dimensão participativa da criança – *Participação*. O segundo integrou os itens generosidade, sociabilidade e empatia, que formam a dimensão *Prosocial*. O terceiro representa as *Habilidades* da criança já que corresponde aos itens autonomia, compreensão social, concentração, desenvolvimento da linguagem e motricidade fina. Por último, os itens dominância e motricidade geral representam a dimensão de *Afirmação*. Esta última dimensão e os três itens isolados não se relacionam significativamente com as dimensões anteriores, nem entre si. A *Agressão*, a *Ansiedade*, e o *Isolamento* finalizam as sete dimensões. Para que as quatro dimensões obtidas pudessem ser utilizadas a coerência interna das escalas foi testada através do cálculo dos Alpha de Cronbach (Tabela 1). O alpha total do instrumento é 0,84, o que indicia o alto grau de validade do questionário ( $X=60,43$ ;  $\delta=10,34$ ).

TABELA 1

*Alphas, médias e desvios padrão das escalas do APSE*

<b>Dimensão</b>	<b>Média <math>\alpha</math></b>	<b>Desvio padrão X</b>	<b>Alpha</b>
<b>Participação</b>	14,59	3,71	0,84
<b>Prosocial</b>	11,16	2,44	0,62
<b>Habilidades</b>	18,98	4,41	0,80
<b>Afirmação</b>	7,50	1,93	0,70

TABELA 2

*A distribuição de idades e de género pelos grupos*

<b>Idade</b>	<b>Rapazes</b>	<b>Raparigas</b>	<b>Total</b>
<b>2-3</b>	82	76	158
<b>3-4</b>	50	58	108
<b>4-5</b>	61	71	132
<b>TOTAL</b>	<b>193</b>	<b>205</b>	<b>398</b>

Posteriormente, analisaram-se os dados, efectuando uma análise multivariada, que procurou evidenciar o cruzamento entre as informações relativas ao sexo e à idade. Constatámos que a idade e o género não interagem entre si, não sendo estatisticamente significativas as diferenças apresentadas. O factor sexo, por si só, também não apresenta diferenças estatisticamente relevantes, isto ao contrário da idade. Decorrente da respectiva análise pode observar-se que existe um pico de ansiedade aos 4 anos ( $F(398,2)=4,136$ ;  $p<0,05$ ) e que proporcional à idade está a dimensão habilidades ( $F(398,2)=13,725$ ;  $p<0,01$ ). Assim, dividiram-se os sujeitos de acordo com as suas idades para o que se criaram três grupos de análise (ver Tabela 2).

Cada grupo foi submetido a uma análise de clusters, o que permitiu evidenciar, em cada um deles, três perfis distintos. Esta técnica de análise multivariada examina e revela a diversidade comportamental existente na amostra, permitindo a identificação de grupos de crianças com comportamentos semelhantes. A análise hierárquica de clusters permitiu, assim, dividir a amostra em gru-

pos, fornecendo uma análise detalhada dos mesmos nas dimensões reflectidas nos itens do questionário APSE.

Aos 3 anos de idade pode observar-se que o grupo Prosocial é constituído por crianças que se caracterizam pelos baixos índices de agressividade e participação, apresentando os valores mais elevados de ansiedade e isolamento (Gráfico 1). Deste modo, contrasta com os outros dois já que ambos apresentam índices altos de participação, prosocialidade, habilidade e afirmação, havendo uma distinção substancial nos domínios da agressividade e ansiedade. O grupo Dominante apresenta uma maior incidência de agressividade enquanto que o grupo Retirado se destaca pelos níveis baixos de ansiedade, agressividade e isolamento.

Dos três perfis identificados aos 3 anos de idade, todos se observam nas crianças com mais de um ano. No Gráfico 2 podemos verificar que os domínios isolamento e prosocialidade não apresentam diferenças significativas entre os três grupos analisados. O grupo Prosocial engloba as crianças com altos índices em todos os domínios à

GRÁFICO 1  
Caracterização dos grupos aos 3 anos de idade

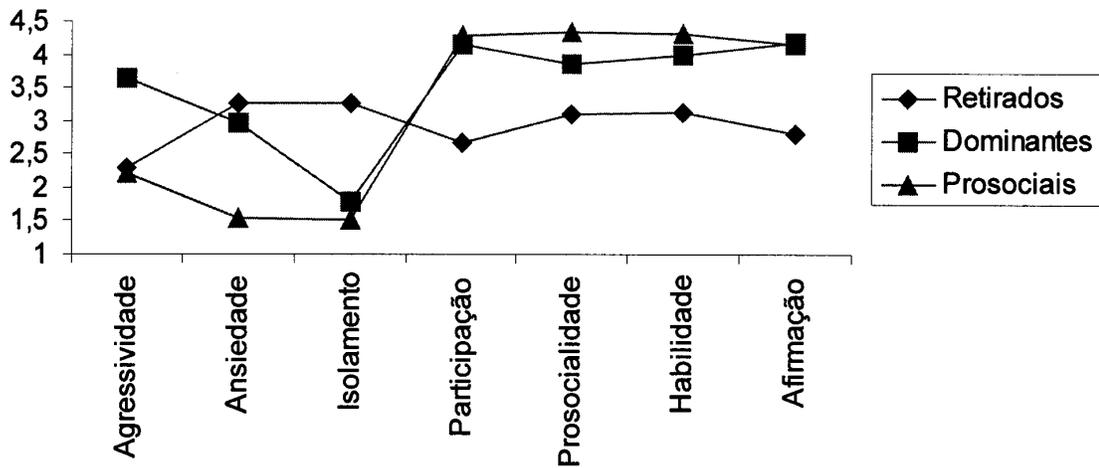


GRÁFICO 2  
Discriminação dos grupos aos 4 anos de idade

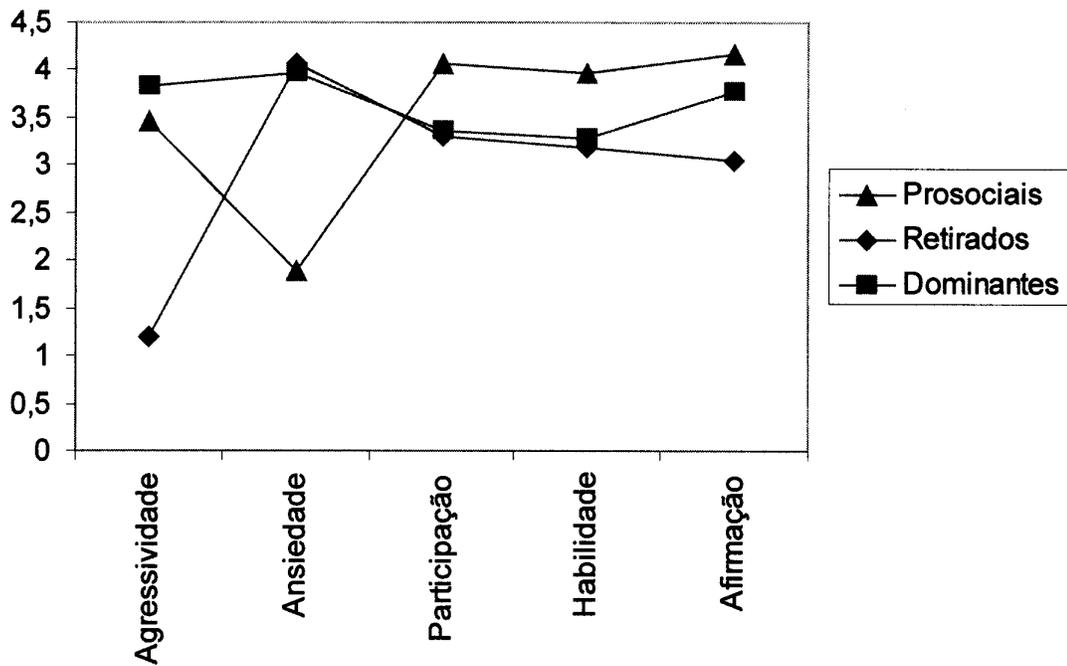
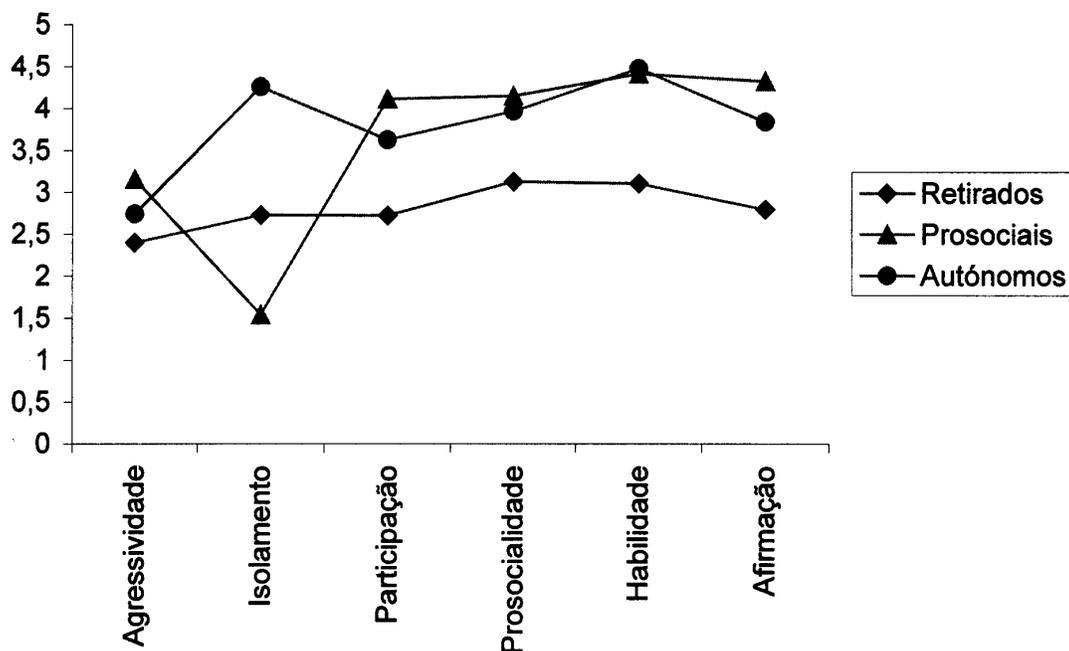


GRÁFICO 3  
 Descrição dos grupos aos 5 anos de idade



excepção da ansiedade. Os outros dois grupos apresentam linhas muito similares distinguindo-se o grupo das crianças Dominantes pelos valores altos de agressividade por oposição às crianças denominadas Retiradas que apresentam os níveis mais baixos nesta idade.

Como podemos observar no Gráfico 3, referente à idade dos 5 anos, o grupo de crianças Retiradas caracteriza-se pelos mais baixos níveis em todos os domínios com excepção do isolamento.

Convém atentar que o domínio Ansiedade não se encontra em análise, dado as diferenças não serem significativas nesta idade. Os grupos restantes apresentam índices idênticos quanto aos domínios habilidade e prosocialidade, surgindo as diferenças nos itens agressividade, participação e afirmação em que o grupo Prosocial indica níveis mais elevados do que o grupo de crianças Autônomas.

Deste modo, verifica-se que os dois perfis se mantêm nas análises ao longo dos três grupos de

idades – das crianças Retiradas e das crianças Prosociais. Aos cinco anos emerge um novo perfil, identificado como o formado por crianças autônomas.

#### DISCUSSÃO

Foi objectivo principal deste estudo, validar um instrumento que permite identificar, a partir de observações participantes dos educadores, estilos de adaptação diferentes para crianças dos 3 aos 5 anos, bem como, e especialmente, eventuais perfis disfuncionais. As análises com reagrupamentos hierárquicos sobre as respostas aos 17 descritores comportamentais do questionário APSE (Strayer & Noël, 1990) revelaram uma boa coerência interna nas várias dimensões apuradas. Estas dimensões serviram para evidenciar quatro perfis de adaptação distribuindo as crianças como Prosociais, Dominantes, Retiradas e Autônomas. As crianças Prosociais são avaliadas como

participativas, habilidosas, afirmativas e nada ansiosas. O perfil correspondente às crianças Dominantes é bastante similar ao descrito anteriormente, exceptuando comportamentos mais frequentes ao nível da agressividade (que se mantém estável nas diferentes idades) e da ansiedade. As crianças Retiradas são as que apresentam níveis mais baixos quanto à participação e afirmação, sendo percebidas como as mais ansiosas e isoladas. As crianças Autónomas emergem apenas aos 5 anos de idade e representam as crianças entendidas como competentes prosocialmente mas bastante isoladas.

Existe, então, um perfil que se enquadra na literatura como eventual preditor de trajectórias disfuncionais: o Retirado. São crianças que não só apresentam altos índices de isolamento reflectido nas insuficientes competências prosociais (Cassidy & Asher, 1992; Berlin, Cassidy & Belsky, 1995) como são classificadas de menos competentes academicamente (Rubin, Stewart & Chen, 1995; Ladd & Burgess, 1999). Consequência do carácter estável deste domínio, nas três idades, como igualmente nos sugere Bonnet (1999), é a premência de criar planos de prevenção que evitem estes comportamentos antes da rigidez comportamental se tornar incontornável.

Se atentarmos no outro domínio, apresentado recorrentemente na literatura como indicador de problemas de adaptação, observamos que ele caracteriza o grupo entendido como Dominante. Este perfil apresenta similitudes face ao das crianças Prosociais, nos domínios de competências académicas e sociais e apenas se distingue nos itens agressão e ansiedade. Estes resultados permitem constatar que as dimensões não podem ser consideradas como tendo um valor patogénico em si mesmas. A Agressividade, pode manifestar-se como um comportamento prosocial (defesa de um terceiro) e o Isolamento como promotor de desenvolvimentos específicos em momentos particulares do desenvolvimento, o que aparenta acontecer às crianças autónomas aos 5 anos de idade (Strayer, Bonnet & Cayrou, 1998). Os resultados apontam para que o valor adaptativo de comportamentos exteriorizados (tais como a agressão, a dominância, etc.) variem em função da idade. Aos 3 anos a agressividade é associada às crianças dominantes, enquanto aos quatro os valores são similares entre os dominantes e os prosociais, e aos cinco a agressividade é mani-

festamente entendida como prosocial. Deparamo-nos com uma mudança na forma de manifestação de comportamentos agressivos entre os 3 e os 5 anos de idade, que se podem dever ao facto de existir a ritualização das relações conflituosas associadas à construção de hierarquias de dominância nos grupos (Strayer, Bonnet & Cayrou, 1998); ou ao crescente domínio da linguagem, o que permite uma simbolização dos conflitos. Este resultado, pode, também, estar associado ao conteúdo da agressão já que pode ser (a) um conflito de recurso ou estar ligado a um acto de defesa de outrem, ou, (b) ser do tipo reaccional e emotivo. Estas diferentes hipóteses são sugestões para futuras investigações.

Muitos estudos já evidenciaram a importância de não se considerar a agressão e a retirada social como meios de definir grupos extremos (Serbin et al., 1998) mas sim de encará-los como dimensões, ao invés de os utilizar como factores isolados. Estes resultados argumentam a favor de uma visão mais holística do desenvolvimento e de aparição de problemas de comportamento, o que, em termos de operacionalização, implica ultrapassar a perspectiva de variáveis isoladas para uma abordagem de adaptação imersa no contexto. Baseado na evidência dos problemas comportamentais serem determinados por uma interacção entre múltiplos factores, este modelo biopsicosocial suscitou um interesse crescente (Merikangas & Swendsen, 1997). Nesta perspectiva, o foco é a formação de padrões de comportamento, isto, ao contrário das perspectivas tradicionais que estudam as relações entre variáveis, a fim de adoptar uma abordagem centrada na pessoa segundo a qual o objecto de interesse principal é o estudo das manifestações de dificuldades de adaptação no plano individual (Wangby et al., 1999). A assumpção subjacente é a seguinte: se existe, no plano inter e intraindividual, uma infinita diversidade de expressões de problemas de adaptação, podemos, entretanto, atentar num número restrito de estilos ou padrões comportamentais mais frequentemente observados (Bergman & Magnusson, 1997; Cairns, Bergman & Kagan, 1998).

Estas análises não demonstraram quaisquer diferenças significativas quando se observa o género das crianças, ao contrário do sugerido durante muito tempo, pela literatura, relativamente ao domínio agressão. Os resultados sugerem que

tanto as raparigas como os rapazes se distribuem homogeneamente nas diferentes formas de agressão e são equivalentes nas intensidades percebidas. Talvez isto se deva ao facto de este instrumento recorrer a descritores comportamentais que permitem a máxima latitude aos observadores, sendo as premissas suficientemente amplas para que as agressões sejam entendidas como de qualquer tipo (físicas, verbais, relacionais). Adequase assim a um tipo de agressão não exclusivamente masculina, permitindo uma discriminação mais fina (Crick & Grotpeter, 1995; Cairns & Cairns, 1994).

É importante reter, deste estudo, a possibilidade efectiva de com poucos meios económicos se detectar, precocemente, diferentes perfis de adaptação entre crianças em idade pré-escolar. É igualmente importante compreender o carácter não determinista dos perfis observados, enquadrando-os nas diferentes tarefas desenvolvimentais das crianças. E é ainda importante reter a necessidade fundamental de criar planos de intervenção eficazes que permitam remodelar o contexto de inadaptação social precoce.

#### REFERÊNCIAS

- Bergman, L. R., & Magnusson, D. (1997). A person oriented approach in research on developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 9, 291-319.
- Berlin, L. J., Cassidy, J., & Belsky, J. (1995). Loneliness in young children and infant-mother attachment: a longitudinal study. *Merrill-Palmer Quarterly*, 41 (1), 91-103.
- Bonnet, J. (1998). *Dépistage précoce des enfants à risque en milieu préscolaire*. Tese de mestrado. Toulouse: Université de Toulouse.
- Bonnet, J. (1999). *Précurseurs socioaffectifs de l'adaptation Social en Milieu Préscolaire*. Toulouse: Inédit.
- Cairns, R. B., & Cairns, B. D. (1994). *Lifeline and risks: Pathways of youth in our time*. New York: Cambridge University Press.
- Cairns, R. B., Bergman, L. R., & Kagan, J. (1998). *Methods and models for studying the individual*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Cassidy, J., & Asher, S. R. (1992). Loneliness and peer relations in young children. *Child Development*, 63, 350-365.
- Crick, N. R. (1996). The role of overt aggression, relational aggression, and prosocial behavior in the prediction of children's future social adjustment. *Child Development*, 67, 2317-2327.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, 66, 710-722.
- Coie, J. D., & Kupersmidt, J. B. (1983). A behavioural analysis of emerging social status in boys groups. *Child Development*, 54 (6), 1400-1416.
- Fortin, L., & Bigras, M. (1996). *Les facteurs de risque et les programmes de prévention auprès d'enfants en troubles de comportement*. Québec: Éditions Behaviora.
- Farrington, D. (1998). Youth crime and antisocial behavior. In Campbell & Muncer (Eds.), *The Social Child* (pp. 353-392). U. K.: Psychology Press.
- Gottlieb, G. (1991). Experimental canalization of behavioral development theory. *Developmental Psychology*, 27, 4-13.
- Grotpeter, J., & Crick, N. (1996). Relational aggression, overt aggression and friendship. *Child Development*, 67, 2328-2338.
- Harrist, A. W., Zaia A. F., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (1997). Subtypes of social withdrawal in early childhood: sociometric status and social cognitive differences across four years. *Child Development*, 68 (2), 278-294.
- Ladd, G., & Price, J. M. (1987). Predicting Children's Social and School Adjustment Following the Transition from Preschool to Kindergarten. *Child Development*, 58 (5), 1168-1180.
- Ladd, G., & Burgess, K. B. (1999). Charting the relationship trajectories of aggressive, withdrawn, and aggressive/withdrawn children during early grade school. *Child Development*, 70 (4), 910-929.
- Merikangas, K. R., & Swendsen, J. D. (1997). Genetic Epidemiology of psychiatric disorders. *Epidemiological Reviews*, 19 (1), 43-56.
- Rose-Krasnor, L., Rubin, K. H., Booth, C. L., & Coplan, R. (1996). The relation of maternal directiveness and child attachment in preschoolers. *International Journal of Behavioral Development*, 19 (2), 309-325.
- Rubin, K. H., Stewart, S. L., & Chen, X. (1995). Parents of aggressive and withdrawn children. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, pp. 255-284). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Rubin, K. H., Stewart, S. L., & Coplan, R. J. (1995). Social withdrawal in childhood: Conceptual and empirical perspectives. *Advances in Clinical Child Psychology*, 17, 157-196.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21 (2), 119-125.

- Serbin, L. A., Cooperman, J. M., Peters, P., Lehoux, M., Stack, M., & Schwartzman, E. (1998). Intergenerational transfer of psychosocial risk in women with childhood histories of aggression, withdrawal, or aggression and withdrawal. *Developmental Psychology*, *34*, 1246-1262.
- Strayer, F. (1997). *La psychobiologie de la sélection sociale chez le jeune enfant: recherches écologiques sur la construction précoces des habilités sociales*. Toulouse: Laboratoire d'Ecologie Sociale et Culturelle.
- Strayer, F., & Noël, J. M. (1990). *Adaptation psychosociale de l'enfant en milieu préscolaire, questionnaire APSE*. Montréal: Documento inédito.
- Strayer, F., Bonnet, J., & Cayrou, M. (1998). *Complexité de l'insertion sociale des jeunes enfants*. Poster apresentado no Congresso de Psicologia Diferencial, Paris.
- Sroufe, L. A. (1990). An organizational perspective on the self. In D. Cicchetti, & M. Beeghly (Eds.), *The self in transition: Infancy to childhood* (pp. 281-307). Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Wangby, M., Bergman, L., & Magnusson, D. (1999). Development of adjustment problems in girls: what syndromes emerge? *Child Development*, *70* (3), 678-699.

#### RESUMO

Baseados no conhecimento de que a avaliação objetiva e rápida dos problemas comportamentais se está a tornar cada vez mais importante, este artigo trata da adaptação do questionário Adaptação Psicossocial da Criança (APSE) a Portugal. O APSE, desenvolvido no Canadá pelo Laboratoire d'Ethologie Humaine (1990), é um questionário, que através de 17 descritores com-

portamentais, procura detectar problemas de adaptação em crianças que frequentam o pré-escolar. Neste artigo não só se debatem as vantagens do questionário, como também ele é validado para a população Portuguesa. Analisam-se, ainda, a presença de despistagens precoces de crianças com comportamentos entendidos como em risco pelas educadoras. Várias educadoras avaliaram 398 crianças, entre os três e os cinco anos, através do questionário APSE (Strayer & Noël, 1990). Identificaram-se quatro perfis, de entre os quais o das crianças Retiradas é percebido como em risco. Analisam-se as relações existentes entre os diferentes domínios decorrentes da análise multivariada e as três idades. As análises mostraram um bom índice de coerência interna para o questionário, em todas as escalas, o que prova que ele pode ser aplicado com segurança no nosso país.

*Palavras-chave:* Risco, pré-escolar, desenvolvimento social.

#### ABSTRACT

The early evaluation of risk behaviour is become an important objective of Developmental Psychology. This article reports the adaptation of the questionnaire Preschool Psychosocial Adaptation (APSE) to Portugal. The APSE developed in Canada by the Laboratoire d'Ethologie Humaine (1990), is a questionnaire that aims to detect problems of adaptation in children in preschool. 398 children were evaluated, between three and five years, using the APSE questionnaire (Strayer & Noël, 1990). The different domains of risk are analyzed at the three age levels. The analyses showed a good index of internal coherence for the questionnaire in all scales. Four profiles were identified, the retired children were considered as the group in risk.

*Key words:* Risk, preschool, social development.